
RESENHA

UMA PSICOPATOLOGIA PSICANALÍTICA

Trinca, W. (2007). *O ser interior na psicanálise: Fundamentos, modelos e processos*. São Paulo: Vetor, 378 p.

Resenhado por **Roberto Yutaka Sagawa**
Departamento de Psicologia Clínica da UNESP - Assis

Trata-se de uma obra ímpar na produção psicanalítica brasileira, assim como no conjunto de obras de Walter Trinca. É raro que uma obra de autor psicanalista brasileiro consiga imprimir uma originalidade de elaboração do saber psicanalítico. Embora Walter Trinca já tenha realizado, antes, uma criação original e seja famoso na área de psicodiagnóstico por ter criado, nos anos 70, um novo procedimento de avaliação psicológica, o de Desenho-Estória.

O título da obra não dá conta do seu conteúdo total, embora seja bastante exato, na medida em que corresponde à intenção do autor que aposta na invenção de um novo conceito psicanalítico: *o ser interior*. No entanto, ao leitor mais exigente, o título da obra deixa de contemplar o que há de novidade de saber psicanalítico elaborado por Walter Trinca.

Acontece que, ao contrário da maioria dos psicanalistas/escritores, Walter Trinca não se reduziu a ser um reproduzidor de saber das escolas psicanalíticas. É bastante óbvio que a filiação de Walter Trinca é Klein/Bion/iana, mas, no seu caso, não se trata de um discípulo doutrinário-dogmático, mas sim de um produtor criativo do saber psicanalítico. Não se contenta em seguir os parâmetros da escola psicanalítica pronta e está aceitando o risco necessário ou inevitável de elaborar algum saber próprio a partir da sua filiação psicanalítica como uma obra em aberto.

Uma das formas mais evidentes de constatar, nesta obra, que se trata de elaborar novos conceitos psicanalíticos é a presença de um leque entrecruzado e sobreposto de conceitos de lavra própria: o ser interior, constelação do inimigo interno, buraco negro, dimensão de possibilidades infinitas, sistema mental determinante, distanciamento de contato, etc. Alguns conceitos ficam na fronteira do saber apropriado/inventado como é o caso evidente de *self* e de sensorialidade, ambos característicos de sua filiação Klein/Bion/iana. Neste caso, Walter Trinca simplesmente conservou a natureza conceitual de origem kleiniana (*self*) ou bioniana (sensorialidade), mas fez de cada um deles um uso conceitual muito próprio em sua nova rede de conceitos psicanalíticos. Existe um gráfico na página 102 que traduz o “DNA” desta rede conceitual inventado por Walter Trinca. Nenhum dos conceitos pode ser tomado de forma isolada, mas um remete, sempre, ao outro e vice-versa, resultando em um conjunto que não se fez somente na e pela soma das partes. Neste sentido, a obra de Walter Trinca não trata de forma prioritária de um novo conceito psicanalítico, o de ser interior, mas trata de uma rede de novos conceitos psicanalíticos.

Mais ainda, a introdução do *ser interior*, nos três primeiros capítulos, é uma espécie de estágio preparatório dos dois principais capítulos da obra que tratam da “formulação de um modelo” que, no final das contas, é uma proposta de Psicopatologia Psicanalítica. Walter Trinca criou novos conceitos psicanalíticos e, a partir deles, elaborou uma escala genética das doenças mentais, que se manifestaram ao longo de sua prática de clínica psicanalítica. A novidade de elaboração do saber psicopatológico é que para Walter Trinca esta rede conceitual não se reduz a dar conta dos sintomas, mas busca explicitar como e por que se formaram as diferentes manifestações psicopatológicas. Com este objetivo teórico-metodológico, a formulação de um modelo próprio consiste em avaliar clinicamente o distanciamento de contato do *self* com o *ser interior*, considerando-se os quatro fatores constituintes do sistema mental determinante: a sensorialidade, a constelação do inimigo interno, a fragilidade (angústia de dissipação) do *self* e a estruturação inconsciente. O sistema mental determinante é um novo conceito que está na base da formação do distúrbio psicopatológico e que se formula de forma genética e dinâmica. É interessante destacar que a criação conceitual de sistema mental determinante se justifica pelo fato de este “desmontar” a doença mental manifesta em seus fatores constituintes de formação psicopatológica. Dessa forma, o distúrbio manifesto se explicita em seu processo de constituição descrito como sistema mental determinante. Conforme variam as formas, relações ou tipos dos quatro fatores do sistema mental determinante, estruturam-se as diferentes manifestações psicopatológicas que, assim, formam um quadro genético-dinâmico-estrutural de Psicopatologia psicanalítica e não mais uma mera classificação de sintomas da Psiquiatria clínica.

Uma vez que a rede conceitual foi criada e passou a adquirir vida própria na e para a construção de uma Psicopatologia, então a criação de uma “escala das perturbações psíquicas” se torna uma conseqüência operativa desta Psicopatologia. Apesar de Walter Trinca defender “a unificação das perturbações psíquicas” ou, se preferir, a necessidade de estabelecer um “campo unitário” ou um “processo global único” baseado no “contínuo de contato” do *self* com o *ser interior*, diversas escalas passam a ser construídas de acordo com a ênfase de diferentes variáveis ou contextos do sistema mental determinante.

É paradoxal constatar que, no meio psicanalítico brasileiro, esta seja, talvez, a primeira formulação de uma Psicopatologia Psicanalítica que não seja de filiação dogmática-doutrinária e, também, não seja um simples transporte da Psiquiatria classificatória para a Psicanálise. Neste sentido, o leitor atento leva um susto ao se dar conta de que está diante de uma tarefa monumental de abarcar as novas manifestações psicopatológicas da clínica psicanalítica, a partir da segunda metade do século 20.

Na Psicanálise latino-americana, tenho notícia apenas de duas tentativas de construir uma Psicopatologia psicanalítica. A primeira delas foi a proposta por Pichón-Rivière baseada na ECRO (Esquema conceitual e referencial operativo) que não passou da etapa de proposta experimental e nunca se desenvolveu de forma a abranger e tornar-se uma Psicopatologia. A segunda tentativa foi aquela realizada por David Liberman que foi um êxito total e que acabou se tornando até hoje a única Psicopatologia psicanalítica construída por um psicanalista latino-americano.

Walter Trinca vem a ser o autor da segunda Psicopatologia psicanalítica no nosso meio e esta empreitada vem romper o estranho bloqueio que teima em continuar a existir entre a Psicopatologia e a Psicanálise.

Recebido em 15/12/09

Aceito em 20/12/09
